

(RE)DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADES: TRADUÇÕES E TRAJETÓRIAS QUEER NO EIXO SUL-SUL

Izzie Madalena Santos Amancio¹
Caterina Alessandra Rea²

RESUMO

Este resumo expandido visa a apresentar resultados de um projeto de pesquisa intitulado “Discutindo gênero e sexualidades: traduções e trajetórias queer no eixo sul-sul”, executado entre 2018 a 2019, que buscava compreender e analisar como as questões de gênero e de sexualidades dissidentes estão sendo discutidas nos contextos do Sul global, particularmente na África e no Brasil. Na academia brasileira, o termo queer é mais frequentemente associado com um conjunto teórico elaborado nos países do Norte (USA e Europa) e exportado para contextos do Sul, sem uma efetiva adequação com as realidades e necessidades destes últimos. Existem, porém, outras expressões do queer que permitiriam um diálogo diferente com esta noção, a partir de uma perspectiva descolonizada e engajada com uma leitura interseccional da dissidência sexual. Chamamos esta expressão do queer de “Crítica Queer de Cor” e, aqui, apresentamos suas articulações em vários contextos da África, particularmente, anglófona. Objetivamos de forma geral, por meio do projeto, aprofundar o estudo das produções teóricas de autores africanos que, a partir de uma perspectiva de descolonização do pensamento, defendem as lutas em prol do reconhecimento das minorias sexuais, no continente africano. O esforço de tradução que realizamos, para disponibilizar estes textos em português, marca a possibilidade de novas trajetórias do queer no eixo Sul-Sul, de modo semelhante, reafirmamos a sua importância ao somar às diretrizes do Estatuto da UNILAB, que em sua afirmação de estratégias de aproximação entre os povos, possibilita a integração e diálogo de ideias entre as diferentes culturas.

Palavras-chave: gênero traduções teoria queer do sul global .

UNILAB, IHL - MALÊS, Discente, izzie.mada@outlook.com.br¹
UNILAB, IHL-MALÊS, Docente, caterina@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Este resumo expandido visa apresentar resultados de um projeto de pesquisa, coordenado pela pesquisadora responsável Dra. Caterina Rea e a bolsista de iniciação científica Izzie Madalena Santos Amancio, intitulado “Discutindo gênero e sexualidades: traduções e trajetórias queer no eixo sul-sul”, executado entre 2018 a 2019.

Na pesquisa bibliográfica exploratória, que realizamos ao longo de dois anos, identificamos três coletâneas africanas recentemente publicadas por autoras(es) que se autodenominam como queer africanas(es/os). Explicitamente, nos debruçamos sobre o (1) *Queer African Reader*, organizado por Sokari Ekine e Hakima Abbas (2013); a (2) coletânea *Reclaiming Afrikan*, editada pela acadêmica e militante feminista sul-africana, Zethu Matebeni (2014); e também, e também, o livro nomeado *Queer in Africa: LGBTQI Identities, Citizenship, and Activism*, curado por Zethu Matebeni, Surya Monro e Reddy Vesu (2018). Consideramos que estas três obras compartilham de um esforço que se converge, ao trazer às análises teóricas e plurais lutas queer, em contextos africanos, protagonizado por africanas(es/os), tentando documentar, desta forma, “o inteiro espectro do arco-íris negro” (EKINE; ABBAS, 2013: 4).

Neste sentido, os textos lançam desafios que consistem, sobretudo na retratação da imagem sobre os movimentos locais, assim, trazem à tona pautas políticas e agendas específicas, que não se deixam ser apagadas por detrás das fortes pressões das grandes ONGs e instituições internacionais, que agem em diferentes países africanos e do Sul Global, com a intenção de defender os direitos humanos das populações LGBT de modo a desrespeitar o que a sociedade local compreende enquanto política necessária para garantir os direitos humanos do contexto cultural.

As(es/os) queers africanas(es/os) e as(es/os) queers of color manifestam, em geral, uma atitude crítica em relação às intervenções das grandes ONGs e instituições internacionais, tidas como formas neocoloniais e neoimperialistas de ingerência nas políticas locais, que acabam por roubar a cena dos movimentos africanos e se substituir a eles como supostos salvadores de comunidades LGBT. Para além, atrela-se a isto, um segundo olhar reducionista, que coloca queers de países colonizados como vítimas - sem expressão de resistência - passivas da violência homofóbica das elites locais.

Caminhando para o fim desta introdução, cabe salientar que, o projeto que possibilitou estas experiências de pesquisa está cadastrado na área da Filosofia, porém, pelas temáticas abordadas, situa-se em diálogo com o campo interdisciplinar das Ciências Humanas e, particularmente, com os Estudos de Gênero, com as Teorias Feministas e Queer e os Estudos Pós-coloniais.

METODOLOGIA



O projeto “Discutindo gênero e sexualidades: traduções e trajetórias queer no eixo sul-sul” (PIBIC/FAPESB:2018-2019) seguiu os métodos da pesquisa bibliográfica, centrada na leitura e na compreensão dos documentos (1) selecionados, posteriormente (2) analisados, (3) traduzidos e por fim (4) revisados. Para isso, o grupo FEMPOS, ao qual o projeto esteve ancorado, construiu espaços abertos de leitura, tradução e discussões periódicas, semanais, o que denominamos de Ateliers de Tradução. Houveram, também, atividades ofertadas pelo projeto, a exemplo das oficinas de inglês, que ocorrerem com frequência semanal a fim de alfabetizar em contexto de letramento, desse modo, ocorria a partir da produção de cartazes e leituras de texto em inglês, que aconteciam em alternância com as reuniões do grupo de estudo. Lembro-me que, era comum, posterior à produção dos cartazes, deixávamos expostos próximos aos murais da UNILAB-IHL-Malês, para que a comunidade unilabiana pudesse ter contato com as produções do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio dos projetos de traduções, foi possível a participação nas atividades do IX Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH - CINABEH por meio da produção da Comunicação Oral (CO) nominado “Diversidade Sexual, Homofobia e Debate sobre Teoria Queer em Contextos Africanos: Uma Primeira Abordagem”. Alcançamos, ainda, enquanto resultado dos projetos, a publicação do livro “Traduzindo a África Queer II”, organizado por Caterina Rea, João Bosco Soares da Fonseca e Ana Catarina Benfica Barbosa (2020).

Um primeiro volume de traduções do Queer African Reader foi publicado no final de 2018, nomeado de Traduzindo a África Queer pela Editora Devires de Salvador, sendo o resultado do projeto PIBIC/UNILAB 2017-2018. No capítulo “A proposta do Queer African Reader” as editoras escrevem sobre o intuito do livro:

“O Queer African Reader rompe com a homogeneização da África como continente homofóbico, para evidenciar a complexidade das vidas e das experiências LGBTIQ, com contribuições que exploram temas como lavagem cor de rosa [pinkwashing], políticas globais, intersecções de lutas, religião e cultura, comunidade, sexo e amor.” (EKINE, Sokari; ABBAS, Hakima. Trad. REA, Caterina. In: A proposta do Queer African Reader. Traduzindo a África Queer. Ed. Devires, Salvador. 2018, p.25).

No sentido de “evidenciar a complexidade das vidas e das experiências LGBTIQ” (idem, p.25), o Queer African Reader busca trazer à tona realidades e anseios da população de gênero não-conforme e de sexualidades dissidentes, nos contextos africanos, particularmente, os de países de ex colonização britânica.

Diversas foram as discussões apresentadas nas obras envolvidas no projeto, aqui neste resumo expandido, algumas ideias, à frente, serão circuladas. Por exemplo, a exibição “Proudly African & Transgender”, proposta no artigo por Gabrielle La Roux, é uma intervenção criativa por justiça social na forma de retratos e histórias de dez ativistas trans africanas(es/os) que colaboraram para serem retratados desta maneira,



porque queriam que suas caras fossem mostradas e que suas vozes fossem ouvidas através do mundo” (Tradução por mim realizada nos ateliers do Grupo Fempos, 2019).

Em verdade, o texto “Proudly African & Transgender - Collaborative portraits and stories with trans and intersex activists” é mais profundo e tece relatos sobre a luta e resistência de indivíduos que passam por questões de opressão social e violações de seus direitos individuais e universais, por meio de autoretratações. As retratações até então eram produzidas por colonizadores de antes e os de hoje, que descrevem o Outro, a figura do ser africano, de forma a só se ver miséria, doenças e intolerância. Neste sentido, dez africanas (es/os) se dispuseram a serem desenhadas(es/os) e transmitirem narrativas por meio do relato de si. Esta exposição rodou parte do mundo ecoando vozes que diziam que existem africanos transexuais, transgêneros e intersexuais, que estes são militantes/ativistas, firmes em seus posicionamentos políticos e que vivem suas dinâmicas sociais específicas.

Do mesmo livro, avançamos na tradução com o artigo “The mídia, the tabloid and the Uganda Homophobia” do ativista pelos direitos LGBTI, advogado e Keniano Kenne Mwika. O presente artigo traz à tona as multifacetadas opressões vindas das mídias sensacionalistas locais e da pressão das igrejas neopentecostais norte-americanas, que reforçam os preconceitos estruturais.

Na mesma linha de defesa, o artigo “A Crescente Violência Homofóbica no Senegal (Mounting homophobic violence in Senegal)” evidencia as violências estruturais locais, este texto foi publicado por Mouhamadou Tidiane Kassé e traduzido no quadro do projeto, traz a intersecção entre posicionamentos de fundamentalistas religioso, particularmente islâmicos, por meio da mídia local, e dos discursos jurídico contra a população dissidente de gênero e sexualidade. Tais fenômenos modificam o cenário de (re) existências dessas populações perseguidas que (re)criam agendas políticas locais de enfrentamento a partir de seus contextos específicos.

Reafirmamos aqui as palavras da Sokari Ekine (2013):

“Os Estados africanos reivindicaram soberania, mas, ao mesmo tempo, intensificam o fascismo cultural e religioso para alimentar a homofobia de Estado. Mesmo aqui há uma complexidade na relação entre alguns Estados africanos e instituições religiosas, em relação a onde poder se encontra em determinar a agenda moral e quem é aceito como cidadão. Uma outra tensão deriva do imperialismo LGBT que, até agora, se transformou em um complexo industrial rentável de ONGs doadoras construídas na premissa de salvar africanos da África. Como estas tensões conflituosas empurram uns contra os outros, eles se dividiram internamente, de forma que vários ativistas lutam para serem escutados. Mesmo se a população LGBTI africana se tornou um lugar de disputa de divisão interna, é essencial que tais narrativas se engajem a partir dos seus próprios termos, no plano nacional e internacional, e continuem a explorar os desafios de uma política transformadora”. (trad. Caterina Rea, 2020, p.32-33)

Deste modo, o esforço destas discussões é parte de uma luta verdadeiramente abolicionista, anticolonial e anti-hegemônica, que visa o reconhecimento da agencia, cidadania e humanidade de sujeitos queers de



contextos africanos.

CONCLUSÕES

Concluimos este Resumo Expandido, denominado “(RE)DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADES: Traduções E Trajetórias Queer No Eixo Sul-sul” tendo em vista uma reescrita de análises e composições elaboradas em 2019 e revisitada nos dias de hoje.

Acreditamos que a implementação de projetos como este, trazem ganhos significativos para a área das Humanidades, em específico, contribuem fortemente para o Campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades, tendo em vista, uma perspectiva pós-colonial, bem como, para o Campo dos Estudos Africanos e Afro-diaspórico. Através do fortalecimento destas áreas de ensino e de pesquisa no Brasil, foi possível tecer novas redes de colaboração entre os professores de diversas instituições de ensino superior nacionais e internacionais. Também é fruto deste projeto, por exemplo, o livro Traduzindo a África Queer II, organizado por Caterina Rea, João Bosco Soares da Fonseca e Ana Catarina Benfica Barbosa Silva, publicado em 2020, pela Editora Devires, desdobramento das oficinas de tradução dos textos dos três documentos produzidos por africano continentais e analisados ao longo da execução dos projetos de iniciação científica (1) “Traduzindo a África Queer: ampliação do mapeamento” (PIBIC/UNILAB) e “Discutindo gênero e sexualidades: traduções e trajetórias queer no eixo sul-sul” (PIBIC/FAPESB), ambos entre 2018-2019.

Destacamos aqui, que atualmente o mundo é assolado com uma crise sanitária decorrente da pandemia do COVID-19, uma doença infecciosa que à mais de um ano transforma as paisagens culturais e acirra as vulnerabilidades sócio-econômicas de grupos considerados outros, a título de exemplo, pessoas trans, travestis e queer. Cabe destacar, ainda, que no Continente Africano as mortes causadas pela gripe do coronavírus não foi tão significativa em relação a por exemplo, o Brasil, que nas marcas de excesso de mortes chega a alcançar na atualidade acima de 417 mil mortos pelo COVID-19. É evidente que este número absurdo de mortos aqui no Brasil, se alia à má gestão do atual presidente da república, o que nos revela a presença de uma segunda crise instaurada, por sua vez anterior a crise sanitária, consideramos portanto a travessia de uma crise política, que se exhibe por meio de narrativas negacionistas à ciência, as instituições de ensino, sobretudo, trata-se de um governo com políticas genocidas, em verdade, supremacistas cis-hetero-brancos.

Ainda há muito que se entender no que se refere às pessoas dissidentes de gênero e sexualidade na África e os mapeamentos e traduções buscam viabilizar este processo, aqui, tratou-se apenas de evidenciar algumas das discussões e dos temas abordados na execução do projeto de iniciação científica. Tais discussões não se dão por incerradas após a conclusão do projeto e as produções não podem se acomodar, a ideia é de um gesto de tradução transgressora que impulsiona o deslocamento da estrutura colonial ao aprender com os movimentos da população queer de África.



AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas (es/os) que estiverem envolvidas (es/os) nesse processo de iniciação científica, em especial, a profa. Caterina Rea pela coordenação do projeto de modo próspero, à João Fonseca pelas aprendizagens e parceria, à Ana Silva pela construção de políticas de afeto e acolhimento, tecidas entre nós, para além dos limites acadêmicos.

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo investimento neste projeto de iniciação científica.

A revolução emancipadora e libertadora do povo preto não será feita sem as pessoas queers, sujeitos estranhos às normas das sociedades cisnormativas. Por sobreviver a política de morte e sobressair ao status de não-cidadãos, finalizamos conclamando um Viva às resistências pretas africanas continentais e diaspóricas.

Axé!

REFERÊNCIAS

EKINE, Sokari; ABBAS; Hakima (orgs.). Queer African Reader. Dakar/Nairobi/Oxford: Pambuzuka Press, 2013. 454p.

REA, Caterina; PARADIZ, Clarisse G.; AMANCIO Izzie M. (Orgs.) Traduzindo a África Queer. 1ª Edição/ Salvador; Editora Devires, 2018.

REA, Caterina; SILVA, Ana Catarina Benfica Barbosa; FONSECA, João Barbosa Soares da Fonseca (Orgs.) Traduzindo a África Queer II. 1ª Edição/ Salvador; Editora Devires, 2020.

